

João Guimarães Rosa: um mestre que ensina a dialogar com o povo

Willi Bolle¹
Maira Fanton Dalalio²

*A leitura de Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa,
... serviu para despertar nele[s] as mais recônditas
potencialidades de sua linguagem.*

Benedito Nunes

Ao lado: Guimarães Rosa,
reprodução

Relatamos aqui a experiência de um mini-curso de três dias, ministrado sob o título “JGR – um mestre que ensina a dialogar com o povo”, em agosto de 2004 na Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte, no âmbito do III Seminário Internacional sobre Guimarães Rosa. O curso foi planejado com base nos experimentos do grupo de estudos *grandesertão.br*, que se constituiu na Universidade de São Paulo em dezembro de 2003, a partir de um estudo do romance *Grande Sertão: Veredas*, realizado por Willi Bolle no livro *grandesertão.br – O romance de formação do Brasil*, cujo manuscrito foi terminado em 2003 e que foi publicado em 2004. Trata-se nesse estudo de revelar o retrato do Brasil contido na obra-prima de Guimarães Rosa. A chave da interpretação é a análise da situação narrativa. Estamos diante de um narrador sertanejo que fala o tempo todo, enquanto seu interlocutor, um doutor da cidade, apenas escuta. Por meio desse dispositivo poético, o romancista nos incentiva a pesquisar uma questão cultural e política: como se conversa ou não se conversa na sociedade brasileira.

Observa-se uma ausência de diálogo entre os donos da norma culta e os socialmente excluídos. O que rege as relações de fala, que expressam relações de poder, é uma função de linguagem que podemos chamar de diabólica, sendo a figura do *diábolos* – aquele que se interpõe entre as pessoas e as divide – onipresente em *Grande Sertão: Veredas*. Quanto à história narrada, esse romance do cânone universal pode ser lido como a versão brasileira da “história mundial

¹ Professor de Literatura na Universidade de São Paulo (USP).

² Mestranda de Letras (USP).

do sofrimento”, para usar a expressão de Walter Benjamin. Ao representar um sistema de poder estreitamente vinculado ao crime e que funciona tanto no sertão quanto nas cidades, Guimarães Rosa traçou de modo exato e visionário um retrato das tendências de criminalização na sociedade brasileira. Através do que chamou de “sistema jagunço”, ele condensou numa expressão sintética a violência, a miséria, a iniquidade social e as forças que bloqueiam a emancipação e o processo democrático.

O escritor, no entanto, elaborou também um dispositivo de emancipação que vem se somar ao que Antonio Candido (1995) chama “O direito à literatura”. A utopia artística e política de Guimarães Rosa é a invenção de uma nova linguagem, de acordo com sua convicção de que “O mundo somente pode ser renovado através da renovação da linguagem” (Rosa, in: Lorenz, 1983, p. 88) Essa invenção consistiria essencialmente na fusão da norma culta com a fala das classes periféricas e marginalizadas, das quais o autor extraiu a grande maioria de suas histórias e de seus protagonistas, reconhecendo-os, portanto, como sujeitos da História.

Contra a violência, o diálogo. O que orientou o nosso trabalho foi a ideia de um diálogo, inspirado na mistura de linguagens, por parte de Guimarães Rosa, entre a norma culta e a fala popular. O fio condutor do nosso mini-curso foi a leitura dramática de um episódio de *Grande Sertão: Veredas*, que montamos e discutimos com os participantes. O objetivo principal da apresentação e o intento pedagógico do curso podem ser assim sintetizados: *Os participantes-atores experimentam ludicamente o papel de agentes da violência, para se transformarem em agentes de diálogo cultural*. Como viabilizar essa metamorfose? Eis o desafio pedagógico e a questão-chave a ser discutida. De acordo com a proposta dialógica e o componente de teatralização do curso, ele foi planejado desde o início para ser ministrado não apenas pelo professor responsável (Willi Bolle), mas também pelos três monitores Maira Fanton Dalalio, Henrique de Toledo Groke e Paulo Roberto Ortiz.

Antecedentes: nascimento da proposta, primeira apresentação pública e planejamento do mini-curso

A proposta de realizar a leitura dramática de um episódio de *Grande Sertão: Veredas* foi feita por Willi Bolle na festa de fim-de-ano realizada pelos seus alunos do curso de Introdução à Literatura Alemã I e II, em dezembro de 2003. Ao longo daquele ano, essa turma tinha se destacado pela apresentação de seminários criativos, com elementos performáticos e teatrais. Com base no romance de Guimarães Rosa, Willi Bolle escreveu um texto para ser encenado, coordenado por um trio de “atores-diretores”, no qual ele representou o papel de Riobaldo, e Maira Fanton e Fernando Siedschlag se encarregaram respectivamente dos papéis de Hermógenes e seô Habão. Foi, então, realizada uma leitura dramática com a participação ativa de 16 alunos (entre eles Henrique Groke e Paulo Ortiz) nos papéis de jagunços, performance filmada por Pedro Barros que editou com Fernando Siedschlag um documentário a partir desse material.

Tendo recebido o convite de participar do debate sobre o tema “O sertão de Guimarães Rosa: o ‘quem dos lugares’”, no âmbito do IV Encontro de Arte e Cultura, em Morro da Garça, em janeiro de 2004, o grupo viajou para essa cidade, na porta de entrada do sertão mineiro. Num ambiente de oficinas de

arte, leitura de contos, exibição de filmes, debates, danças, caminhadas e subidas à “pirâmide do sertão”, nosso grupo ensaiou e depois apresentou publicamente a leitura do episódio. Incorporamos 15 atuantes-jagunços – além de meia-dúzia de integrantes do “coro dos jagunços”, que faz parte do espetáculo –, convidando habitantes da cidade e da redondeza, sendo a maioria deles “Miguilins”, os contadores de estórias de Cordisburgo. Essa experiência bem-sucedida, num trabalho conjunto de pesquisadores acadêmicos de Guimarães Rosa com jovens do sertão que transmitem oralmente a obra do autor, nos animou a planejar como próximo passo o mini-curso em Belo Horizonte.

Quanto ao título do curso, “JGR – um mestre que ensina a dialogar com o povo”, lembramos que o uso dos conceitos de “povo” e “nação” no romance de Guimarães Rosa foi estudado detalhadamente no livro *grandesertão.br* (nos capítulos “A nação dilacerada” e “Representação do povo e invenção de linguagem”). Em síntese, pode-se dizer que os donos do poder jogam com a incongruência entre “povo” e “nação”, para administrar os conflitos de um Estado burguês dilacerado entre as promessas de igualdade social e a traição desse ideal. Uma vez que o conceito de “povo” está um tanto desgastado pelo seu frequente uso populista e demagógico, acabamos por centrar nosso trabalho teórico e prático mais especificamente no diálogo entre os que dominam a norma culta e os que usam a fala popular. Imaginamos aprender a redimensionar essa questão com o autor de *Grande Sertão: Veredas*, na medida em que ele reinventa o idioma brasileiro pela fusão de elementos linguísticos e culturais diferentes, visando superar a diglossia e fomentar o diálogo entre as classes sociais – contra o pano de fundo de um Brasil marcado por antagonismos sociais, violência e crime.

Metodologicamente falando, os integrantes do grupo *grandesertão.br*, juntamente com cinco ou seis Miguilins, transmitiriam a experiência anterior do Morro da Garça aos participantes do mini-curso, procurando aprofundar e aperfeiçoar a proposta pedagógica. Além do trabalho cênico, nossos recursos foram os da hermenêutica literária, histórica e sociológica – sendo a hermenêutica, segundo Friedrich Schleiermacher, “a arte de compreender textos e pessoas”. O curso foi estruturado em três módulos inter-relacionados.

1º dia: Mergulho no romance através da leitura dramática

Com 45 inscritos, na maioria estudantes e professores/professoras de Letras, de vários estados do Brasil, o curso foi realizado num auditório com cerca de 200 lugares. Após explicar brevemente o objetivo geral, iniciamos o trabalho de leitura dramática. O mais difícil para começar uma experiência desse tipo é vencer a timidez e a resistência natural das pessoas para entrar no palco. O que ajudou a estimular os participantes foi que esse exercício dirigia-se propositadamente a atores leigos, ou seja, qualquer interessado poderia participar. Propomos um modelo didático, a ser experimentado, adaptado e aperfeiçoado pelos colegas professores em seus lugares de trabalho.

A fim de relatar a experiência do modo mais concreto, reproduzimos aqui uma das fichas entregues a cada participante no momento em que entrava no palco. A título de exemplo, vai aqui a ficha do primeiro jagunço, contendo a instrução básica e o texto de sua fala:

Agora você é um jagunço.

Quando for chamado: brinque, encontre um jeito de falar o seu texto.

Experimente dos mais diversos modos, seja criativo.

Sintonize-se com os demais e lembre-se:

você é parte de um bando.

Jão Bexiguento:

Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jagunceio...

Quem se encarregou de coordenar os 16 atores novatos, os “recém-jagunços”, foi o trio diretor, os atores de Hermógenes, Riobaldo e seô Habão. Paralelamente, ocorreu uma iniciativa estimulante. Algumas mulheres, na maioria professoras, assumiram o papel do coro de jagunços. Colocando-se no fundo mais elevado do auditório, atrás do público e confrontando-se de longe com os jagunços do palco, elas construíram uma espécie de “ponte de ambientação” entre os ferozes bandidos do sertão e suas virtuais vítimas: os habitantes das cidades, representados pelo público. Dessa maneira, metade da classe estava em cena, experimentando a linguagem dos jagunços de *Grande Sertão: Veredas*, não só intelectualmente, mas na voz e no corpo.

Para dar uma ideia da atmosfera mental do nosso recorte do romance, reproduzimos aqui a fala integral do coro dos jagunços. Esse texto é uma adaptação cênica de uma visão do narrador-protagonista Riobaldo, que teme que os miseráveis do sertão possam invadir as cidades. Inicialmente, há uma breve indicação de como deve agir cada integrante do coro.

E de repente ELES podiam ser montão, montoeira,
Aos milhares mís e centos milhentos,
ELES se desentocando e formando do brenhal,
ELES enchendo os caminhos todos e tomando conta das cidades.

Como é que ELES iam saber ter poder de serem bons,
Com regra e conformidade, mesmo que quisessem ser?
Nem vão achar capacidade disso.

Vão querer usufruir depressa de todas as coisas boas,
Vão UIVAR e DESATINAR.

Ah, e vão beber, seguro que vão beber
As cachaças inteirinhas da Januária.

E vão pegar as mulheres, e puxar para as ruas,
Com pouco nem vai haver mais ruas,
Nem roupinhas de meninos, nem casas.
Os moradores vão mandar tocar depressa os sinos das igrejas,
Urgência implorando de Deus o socorro,
E vai adiantar?
Onde é que eles vão achar grotas e fundões

Para se esconderem – Deus nos diga?

Depois da realização da leitura dramática, o restante do tempo da aula foi dedicado à reflexão sobre essa experiência. Uma observação unânime foi que esse mergulho no universo do romance tirou “o medo do texto difícil”. Todo professor que se propõe tratar *Grande Sertão: Veredas* em aula, não pode deixar de levar em conta que a fama de texto difícil já impediu muita gente de lê-lo, inclusive em cursos de Letras.

Quanto ao breve texto da nossa encenação, é preciso esclarecer que se trata de um episódio que efetivamente existe no romance, mas que sofreu algumas modificações. No encontro do bando de jagunços do protagonista-narrador Riobaldo com o latifundiário seô Habão, substituímos o chefe Zé Bebelo pela figura diabólica do Hermógenes, que sintetiza o tema da violência e atua na nossa encenação ora como capataz de seô Habão, ora como autônomo chefe de quadrilha.

O papel do Hermógenes consiste em chefiar o bando de jagunços e em levá-los para seô Habão, deixando claro que eles não são nada mais que uma mão-de-obra ao inteiro dispor do patrão. Para realçar essa condição, cada um deles é simbolicamente marcado, quando de sua entrada em cena, pelo ferro do “dono de gado e gente”. Na testa de cada um, Hermógenes cola um adesivo emblemático, com um signo esotérico representando a constelação de Capricórnio, que designa um lugar na zona tórrida, para não dizer “o inferno feio deste mundo”. Independentemente de seô Habão, Hermógenes tem seus planos próprios, como revela em suas falas, típicas de um empresário do crime:

Eu vou levar vocês para atacar grandes cidades, em serviço para chefes políticos...

Vamos sair pelo mundo, tomando dinheiro dos que têm, e objetos e vantagens de toda valia... E só vamos sossegar quando cada um já estiver farto, e já tiver recebido umas duas ou três mulheres, moças sacudidas, p'ra o renovame de sua cama ou rede! ...

Hermógenes é, portanto, o personagem diabólico que apela para os instintos criminosos em cada um dos jagunços. E não só dos jagunços, uma vez que todos os atuantes, que apenas “brincaram” de ser bandidos, confessaram ter sentido um perverso prazer de fazer o papel de gente violenta. De fato, o que mais chamou a nossa atenção nessa experiência do primeiro dia de curso foi constatar que representamos o papel violento e cruel com gosto. O reconhecimento do fascínio e da força comunicativa do Mal – além de nos pôr em guarda contra as idealizações do ser humano – é meio caminho andado para responder a nossa pergunta-desafio: Como passar do papel de um agente da violência para um agente do diálogo social?

2º dia: O “entre-lugar” cultural

A presença dos Miguilins no nosso curso contribuiu para refinar a nossa compreensão do campo social e cultural intermediário entre a cultura dos

“letrados” e dos “não-letrados”, prevenindo-nos de certas idealizações e abstrações. O depoimento de uma estudante de Letras, que recebeu sua formação entre os Miguilins, nos deu um eloquente testemunho de como “as margens entre as duas culturas não são fixas”. O que contribuiu desde cedo para essa oscilação – a busca de identidade entre sua atual condição de letrada e a cultura tradicionalmente oral do ambiente sertanejo – é que a própria formação dos contadores de estórias implica numa iniciação literária. Por isso, eles são muito mais representantes de um “entre-lugar” cultural. A busca de fantasmas culturais supostamente puros seria, aliás, um contra-senso numa cultura mista como a brasileira. A dedicação dos Miguilins às atividades artísticas, com base nas estórias de Guimarães Rosa, nos fez redescobrir a nossa tarefa básica: desenvolver um trabalho de diálogo cultural no *medium* da obra do escritor.

Resolvemos aprofundar a experiência que tínhamos iniciado na véspera no sentido de trabalhar como nosso “entre-lugar” a relação intermedial entre literatura e teatro. Um estímulo importante foi a notícia de que uma equipe da TV Globo faria à noite uma reportagem sobre o Seminário e, nessa ocasião, filmaria também a nossa leitura dramática, prevista para ser apresentada em público, naquela noite, por ocasião do lançamento do livro *grandesertão.br*. Com vista a essa apresentação, o professor e os monitores passaram a tarde inteira no auditório, arrumando com a ajuda dos técnicos os móveis, a iluminação e o cenário e, sobretudo, realizando uma preparação intensa de coreografia, expressão corporal, exercícios de voz e interpretação que depois foi transmitido para os participantes.

Quando estes chegaram, a notícia da filmagem funcionou como um poderoso catalisador. Se a aula do primeiro dia transitou de letras para a atividade teatral, a do segundo dia foi sobretudo uma aula de teatro. Maira Fanton começou fazendo um aquecimento corporal com os participantes-atores e Willi Bolle se encarregou do aquecimento vocal. Ambos ajudaram os outros a se familiarizarem com o espaço, inclusive, a perder o medo desse auditório vasto e de acústica sofrível e a se apoderar dele com o corpo e a voz. Nessa tarefa contribuíram decisivamente as participantes do coro. No coro foram, aliás, introduzidas inovações: o texto foi interpretado com três variações:

Da primeira vez: “E de repente ELES podiam ser montão, montoeira”;

da segunda vez: E de repente EU podia ser montão, montoeira”;

da terceira vez: E de repente NÓS podíamos ser montão, montoeira”;

[numa dinâmica crescente, sendo que da terceira vez, os jagunços no palco berravam “VAMOS UIVAR E DESATINAR”, e havia também alguns falantes do coro espalhados pela plateia. Esse coro foi um dos mais criativos e intensos que tivemos em nossas apresentações.

Um elemento relevante para os participantes se sentirem à vontade em cena foi também o figurino, que os atores de Hermógenes, seô Habão e Riobaldo já traziam pronto. Mas como resolver, em cima da hora, o figurino dos “rasos jagunços”? Pedimos aos participantes, na maioria moças e mulheres, que retirassem joias e enfeites e que aproveitassem como seu maior figurino os pés descalços.

Quando a equipe de televisão chegou, a leitura dramática aconteceu com muita força e vontade – e brutalidade. Foi impressionante ver figuras tão delicadas expelindo crueldade. Ali poderia ser o espaço catalisador da maldade humana. Sem querer supervalorizar a nossa apresentação, pode se dizer que foi uma leitura dramática que ficou na memória dos participantes.

3º dia: Para terminar: uma aula de hermenêutica

A terceira e última aula foi concebida como suporte teórico e metodológico das atividades teatrais das duas anteriores e como reflexão sobre a experiência de mergulho cênico no romance de Guimarães Rosa. O texto do nosso roteiro foi objeto de uma aula expositiva, numa abordagem hermenêutica. A nossa adaptação cênica é uma constelação de falas de jagunços que condiz com a presença do bando na fazenda de seô Habão, mas que foi reunida numa montagem livre de nomes e falas, a partir de fragmentos espalhados pelo romance inteiro, indo ao encontro do seu princípio de composição, a narração em forma de rede. A pergunta se é lícito ou não mexer no texto de Guimarães Rosa para adaptá-lo para um trabalho cênico pode ser respondida com outra pergunta: foi lícito ou não o escritor mexer nas histórias e nas falas dos sertanejos que ele recolheu para compor suas obras?

Um ponto fundamental para nossa análise das falas individuais foi entendê-las diante do pano de fundo da fala coletiva do coro. A maioria desses jagunços vem “do brenhal”, ou seja, vive em condições semelhantes às dos moradores dos povoados do Sucruiú e do Pubo, os miseráveis catrumanos, mão-de-obra do latifundiário seô Habão. No nosso grupo de jagunços apresentam-se dois deles, o Catrumano e o menino Guirigó:

Catrumano:

Ossenhör utúrje, a gente estamos resguardando essas estradas: o povo do Sucruiú, que estão com a doença, que pega todos, peste de bexiga preta...

Menino Guirigó:

Tirei não, nada não... Tenho nada... Tenho nada...

As pessoas que vivem nesse meio de miséria e de doença ou se resignam ou procuram sair dali de qualquer jeito. Um caminho frequente é a opção pelo crime, considerado nesse contexto uma profissão respeitável como qualquer outra:

João Concliz:

Quando se jornameia de jagunço não se nota tanto: o estatuto de misérias e enfermidades. Guerra diverte – o demo acha...

As necessidades e aspirações básicas dos jagunços são assim sintetizadas:

Rodrigues Peludo:

Jagunço é isso: comer, beber, apreciar mulher, brigar e fim final...

Esse desejo expresso pelo jagunço Rodrigues Peludo não é restrito à esfera do sertão, pois os habitantes das cidades desejam algo muito semelhante. Veja-

se esta passagem-chave da peça de Bertolt Brecht, *Ascensão e queda da cidade Mahagonny* (1929): “comer, amar, lutar, beber” – embora se trate aqui de uma cidade da zona de garimpo, um lugar de transição. O desejo geral dos homens sertanejos é assim verbalizado pelo coro dos jagunços: “Vamos querer usufruir depressa de todas as coisas boas.” Haveria algum mal nisso? Não é para isso que somos adestrados diariamente pela sociedade de consumo, não é esse o comportamento que os donos do poder esperam da massa dos consumidores?

Onde começa, então, a passagem da civilização para a violência? No “uivar e desatinar”? Um passo importante do conhecimento do ser humano foi dado no momento em que Nietzsche aboliu a distinção secular e preconceituosa entre o “selvagem” das brenhas e o “homem urbano”, descobrindo que o comportamento de “selvageria” pode repentinamente surgir em qualquer um dos dois. Guimarães Rosa chegou ao mesmo diagnóstico ao declarar que “sertão: é dentro da gente”. Portanto, as falas do Valtêi, que “gosta de matar”, ou do Sidurino, que “carece de um tiroteio”, ou do Firmiano, que quer “esfolar e castrar um soldado”, ou do Riobaldo, que deseja “matar, matar assassinado”, não são restritas, de forma alguma, ao ambiente de bandidos sertanejos.

Quanto ao fazendeiro seô Habão, capitão da Guarda Nacional, vivendo “com a ideia na lavoura”, vejamos como ele faz o balanço de seus negócios, depois da doença que inutilizou e em parte ceifou a sua mão-de-obra:

Seô Habão:

A bexiga do Sucruíú já terminou. Morreram só 18 pessoas...

Ele precisa de gente “para capinar e roçar, e colher”, se não, a economia pára. Nesse momento, ele se dá conta de que, na sua frente, está exatamente esse número de pessoas de que precisa, perfeitamente aptas a realizar o trabalho. Então, ele declara, com a maior naturalidade:

Vou botar vocês para o corte da cana e fazeção de rapadura.

A rapadura vou vender para vocês. Depois vocês pagam com trabalhos redobrados...

Pouco ganharíamos em termos de conhecimento das estruturas nas quais estamos imersos, se analisássemos essa fala de seô Habão apenas pelo prisma da denúncia. A atitude de considerar o outro uma mercadoria, peça para ser usada, está tão assimilada pela nossa sociedade, que qualquer um de nós poderia assumir o papel de seô Habão para defender o seu empreendimento. E o que dizer de Riobaldo, que se revolta diante da perspectiva de ser escravizado? Seria ele um herói a ser imitado? Os rasos jagunços, com os quais ele não quer ser confundido, por ser filho de coronel, o consideram um traidor. Afinal, ele se revolta para fazer o quê? Abolir o sistema ou reproduzi-lo, nos mesmos moldes que seô Habão, ou talvez pior?

São perguntas assim que nos coloca o texto de Guimarães Rosa, perguntas que queremos discutir através da nossa leitura dramática, tanto com os participantes como com o público. Chegamos a formular como “super-objetivo” da nossa peça de aprendizagem o desafio de descobrir como poderíamos nos transformar de agentes da violência em agentes do diálogo social. De maneira

diferente das pedagogias idealistas que subestimam o fascínio e a força que o Mal exerce sobre as pessoas, resolvemos encarar de forma lúdica o Mal, exatamente para conhecê-lo – afinal, nosso romancista trabalha com o pressuposto da “ruindade nativa do homem”. Como um dos antídotos contra o Mal, dispomos da atividade lúdica. O protagonista-narrador de *Grande Sertão: Veredas* nos ensina que o discurso da violência é algo construído e que podemos, portanto, também desconstruí-lo.

Do meio para o fim da aula, os participantes se dividiram em três grupos para discutir como nós, estudantes e professores de letras, poderíamos prosseguir no caminho proposto por Guimarães Rosa em sua obra: realizar o trabalho dialético de extrair, a partir de uma constelação de crime e violência, a perspectiva de um diálogo social. Nessa discussão, os professores e os monitores fizeram questão de apenas ouvir o que diziam os participantes, assim como o letrado da cidade que ouve a fala de Riobaldo.

Este breve resumo só pode reproduzir muito imperfeitamente a riqueza, os detalhes e a vivacidade das exposições dos três grupos, que chamamos aqui de A, B e C. O grupo B se centrou na questão da dramatização, que diminui a distância entre as esferas sociais e nos põe em guarda para não usar de modo autoritário as obras canônicas e “temidas”, como *Grande Sertão: Veredas*. O grupo C ressaltou a importância da humildade como forma de aprendizagem. Já o grupo A, desconfiando de tamanha “humildade”, detectou ali também mais um mascaramento da violência.

Montagens em São Paulo e em Belém e perspectivas futuras

O mini-curso ministrado em Belo Horizonte consolidou o nosso trabalho e nos incentivou para atividades futuras. Em setembro de 2004, por ocasião do lançamento do livro *grandesertão.br* na capital paulista, realizamos uma nova leitura dramática pública, desta vez no Instituto Goethe de São Paulo. Os atores eram, sobretudo, alunos da USP, mas houve também pessoas de fora. Nessa ocasião, além de agilizar o ritmo da entrada em cena, aperfeiçoamos também a coreografia, que foi assim esquematizada:

J. Cazuzo	Zé Bebelo....	HERMÓGENES	Alaripe	Juvenato	João	
Bugre	HABÃO	J. Concliz	Sidurino	R. Peludo	Catrumano	
Adalgizo	JGR	Guirigó	Simião	Valtêi	RIOBALDO	Bexiguento
Firmiano						

Cabe sinalizar ainda que, no final de setembro de 2004, houve uma leitura dramática do nosso texto em Belém, na VIII Feira Panamazônica do Livro, realizada por alunos da Escola de Teatro da UFPA, sob a direção dos professores Lúcia Uchoa e Walter Bandeira. A realização cênica foi de uma beleza selvagem.

Depois dessas experiências, o grupo trabalhou com oficinas e realizações de leitura dramática sob o título “Atores da violência – atores do diálogo”, em diversos lugares do Brasil e da Europa. Modificações e transformações ocorreram

durante o percurso. Buscamos aperfeiçoar, teórica e esteticamente, a nossa proposta principal: elaborar um modelo de oficina e leitura dramática que possa ser colocado à disposição de grupos interessados.

Atualmente buscamos repensar e refinar os nossos principais conceitos operacionais, através de estudos de tópicos como romance de formação, teatro de aprendizagem, método Paulo Freire, conceito de violência, análise do discurso, retórica, popularização do saber, juntamente com a criação de um documentário em vídeo com os registros das experiências e a aprendizagem do grupo.³

Referências bibliográficas

BOLLE, Willi. *grandesertão.br – o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: *Vários escritos*. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

LORENZ, Günter W. “Diálogo com Guimarães Rosa”. Trad. De Rosemará Costhek Abílio. In: Coutinho, Eduardo (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 62-97.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965 (1ª ed.: 1956).

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. *Hermeneutik*. Org. por Heinz Kimmerle. 2ª ed. Heidelberg: Carl Winter, 1974.

Atores da violência – atores do diálogo

Adaptação cênica de um episódio do romance *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa (grupo **grandesertão.br**. Texto e direção: Willi Bolle)

[*Um bando de jagunços, comandado pela figura diabólica do Hermógenes, e tendo em seu meio o protagonista-narrador Riobaldo, chega à fazenda do latifundiário Seô Habão.*]

Jõe Bexiguento: Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jagunceio...

Simião: Este é Seô Habão... É dono de gado e gente.

Juvenato: Não gosto de Seô Habão... Ele é bruto comercial...

Senhor Habão – 1: Vou precisar de vocês para capinar e roçar, e colher...

Valtêi: Eu gosto de matar... O que babejo vendo, é sangrarem galinha ou esfaquearem porco...

Sidurino: A gente carecia agora era de um vero tiroteio para exercício de não se minguar. A alguma vila sertaneja dessas, e se pandegar, depois, vadiando...

³ Agradecemos a participação de Henrique de Toledo Groke, Paulo Roberto Ortiz, Fernando Siedschlag e Pedro Barros, estudantes de Letras da Universidade de São Paulo e integrantes do grupo *grandesertão.br*.

CORO dos JAGUNÇOS – 1

E de repente ELES podiam ser montão, montoeira,
Aos milhares mís e centos milhentos,
eles se desentocando e formando do brenhal,
eles enchendo os caminhos todos e tomando conta das cidades.

Como é que eles iam saber ter poder de serem bons,
Com regra e conformidade, mesmo que quisessem ser?
Nem vão achar capacidade disso.

Vão querer usufruir depressa de todas as coisas boas,
Vão UIVAR e DESATINAR.

Alaripe: Eu tenho receio que me achem de coração mole; tenho pena de toda criatura de Jesus...

Hermógenes – 1: Eu vou levar vocês para atacar grandes cidades, a serviço para chefes políticos...

João Bugre: O Hermógenes é positivo pactário. Ele tira seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros...

Rodrigues Peludo: Jagunço é isso: comer, beber, apreciar mulher, brigar e fim final...

Firmiano, apelidado Piolho-de-Cobra: Me dá saudade de pegar um soldado, e tal, pra uma boa esfolá, com faca cega... mas, primeiro, castrar...

Riobaldo – 1: Matar aquele homem, matar assassinado... E agarrar aquela moça nos meus braços, uma quanta-coisa primorosa que se esperneia, e vocês, meus companheiros, todos de pé, fechando praia de mar...

Matar aquele homem? ... E agarrar aquela moça? ... e vocês, meus companheiros?
...

CORO dos JAGUNÇOS – 2

E de repente EU podia ser montão, montoeira,
Aos milhares mís e centos milhentos,
eu me desentocando e formando do brenhal,
eu enchendo os caminhos todos e tomando conta das cidades.

Vou querer usufruir depressa de todas as coisas boas,
Vou UIVAR e DESATINAR.

Joé Cazuzo: Eu vi a Virgem! Eu vi a Virgem Nossa no resplendor do céu, com seus filhos de Anjos!

Catrumano: Ossenhor utúrje, a gente estamos resguardando essas estradas: o povo do Sucruiú, que estão com a doença, que pega todos, peste de bexiga preta...

João Concliz: Quando se jornadaia de jagunço não se nota tanto: o estatuto de misérias e enfermidades. Guerra diverte – o demo acha...

Menino Guirigó: Tirei não, nada não... Tenho nada... Tenho nada...

Zé Bebelo: O que imponho é se educar e socorrer as infâncias desse sertão...

Guimarães Rosa: País de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias...

Hermógenes – 2: Vamos sair pelo mundo, tomando dinheiro dos que têm, e objetos e vantagens de toda valia... E só vamos sossegar quando cada um já estiver farto, e já tiver recebido umas duas ou três mulheres, moças sacudidas, p'ra o renovame de sua cama ou rede! ...

CORO dos JAGUNÇOS – 3

E de repente NÓS podíamos ser montão, montoeira,
nós enchendo os caminhos todos e tomando conta das cidades.

Vamos querer usufruir depressa de todas as coisas boas,
Vamos UIVAR e DESATINAR. [bis]

Ah, e vamos beber, seguro que vamos beber
As cachaças inteirinhas da Januária.

E vamos pegar as mulheres, e puxar para as ruas,
Com pouco nem vai haver mais ruas,
Nem roupinhas de meninos, nem casas.

Os moradores vão mandar tocar depressa os sinos das igrejas,
Urgência implorando de Deus o socorro,
E vai adiantar?
Onde é que eles vão achar grotas e fundões
Para se esconderem – Deus nos diga.

Senhor Habão – 2: A bexiga do Sucruiú já terminou. Morreram só 18 pessoas...

Vou botar vocês para o corte da cana e fazeção de rapadura.

A rapadura vou vender para vocês. Depois vocês pagam com trabalhos redobrados...

Riobaldo – 2: Eu eu aqui, no entremeio deles... Afinal, o que é que eu sou?
Um raso jagunço atirador, cachorrando por esse sertão...

Adalgizo: Seô Habão está cobiçando a gente para escravos! ...

Riobaldo – 3: Duvidar, Seô Habão, o senhor conhece meu pai,
fazendeiro Senhor Coronel Selorico Mendes, do São Gregório?!

Senhor Habão – 3: Dou notícia... Dou notícia...

Riobaldo – 4: [*apontando para os jagunços, que olham para ele como para um traidor*]

O silêncio deles me entende.

Abaixo:

Willie Bolle e

Benedito Nunes

Foto: acervo Maria Sylvia Nunes



